

Japão:

16 horas diárias de trabalho para umas férias de 6 dias

Há no mundo um país onde a jornada de trabalho está a generalizar-se para as 16 horas e onde o período real de férias não ultrapassa, em média, os 6 dias. Perante dados destes, um europeu é tentado a não crer ou, quando muito, a pensar nos mineiros britânicos do século XIX. Na verdade, trata-se do panorama laboral japonês em vésperas do século XXI.

A insuspeita agência noticiosa japonesa Kioto Tzusin informava há dias que a jornada de 16 horas é comum aos empregados de uma série de instituições e que é cada vez maior o número de horas extraordinárias «voluntárias», empresa por empresa, trabalhador por trabalhador. Como é isso possível? A atitude do empregado justifica os níveis individuais de remuneração e a sua promoção ou não no seu ofício ou carreira.

Com as férias a questão é ainda mais crucial: se uma empresa consegue funcionar mais que seis dias sem um determinado empregado, é porque pode prescindir dele, ou seja, é porque o seu trabalho pode ser assegurado pelos colegas. Um inquérito recente mostrava que o japonês médio era pura e simplesmente incapaz de compreender que alguém pudesse gozar férias de 30 dias.

As consequências desta situação já começaram a ser visíveis, mesmo para os seus beneficiários que são o patronato. Nos últimos anos, o Governo, algumas associações patronais e as empresas mais evoluídas tem tentado por formas diversas estimu-

lar os seus empregados a gozarem férias mais prolongadas que os 6 dias da média nacional. Só que o ambiente geral e de sufocante competição no local de trabalho e de verdadeira servidão na relação trabalhador-empresa.

Acontece assim que um trabalhador japonês dá, em média, por ano, mais 200 a 300 horas extraordinárias de trabalho que o seu homólogo europeu ou norte-americano. Por outro lado, nos EUA a duração média das férias é de 19 dias, na França é de 26 dias e na RFA de 29.

Alguns investigadores relacionam o crescimento do consumo de drogas e do número de divórcios no Japão com o stress resultante desta situação. Num inquérito recente, 32 por cento dos toxicómanos interrogados declararam que a primeira vez que experimentaram drogas foi quando deixaram de conseguir dormir devido ao cansaço excessivo.

Acontece ainda que o Japão não tem o que os ocidentais designam por Previdência. Isto é, o trabalhador tem diariamente de garantir a sua sobrevivência, o pé de meia com que acudir a uma doença e os fundos com que assegurar a velhice. E esta extrema dependência do japonês relativamente ao seu posto de trabalho que acaba por o tornar absolutamente dependente da empresa onde trabalha e que normalmente lhe deu o primeiro emprego. Acontece ainda que quase todos os japoneses tem dívidas. Estas, pelo sistema de vida, vão acompanhando as pessoas até a ve-

lha porque, quando acabou a prestação do trigonómico, começou a máquina de lavar. A da casa, normalmente, dura a vida interna. E a casa do japonês médio é pequena e precária, além de cara. Por isso lhe chamam «coelheira», numa ironia que esconde uma dramática resignação.

Mas como fazem as férias os japoneses que fazem férias?

No Inverno testejam o Natal, embora a sua esmagadora maioria não sejam cristãos. Na Primavera marcam usualmente as férias para a «semana dourada», uma semana de Maio em que há várias festividades tradicionais. No Verão preferem o período do «obon» budista — um ritual de veneração dos antepassados que tem lugar no mês de Agosto. Nesta altura, os japoneses visitam os locais de origem, aos quais os seus antepassados «regressam» nesses dias, segundo uma antiga crença.

Os japoneses gostam de viajar pelo seu país, de visitar os parques nacionais mais tamosos, de trepar as encostas do Fujiama e de se deleitarem com as belezas da península de Idzu.

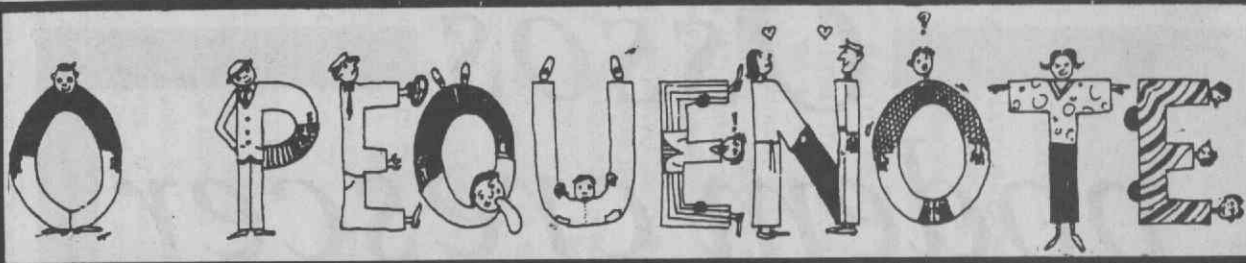
E também cada vez mais frequente encontram-se japoneses no estrangeiro. As viagens turísticas pela «rota da seda» (China e Índia), por exemplo, estão muito vulgarizadas. Há um número particularmente grande de turistas que visitam os países vizinhos — a Tailândia, as Filipinas e Singapura, bem como o Guam e o Hawai.

A Europa exerce, tam-

bém, uma grande atracção sobre os japoneses e os endinheirados não hesitam, preferindo a França.

O crescimento do turismo japonês no estrangeiro tem a ver, não tanto com a paixão nipónica pela «mudança de lugar», mas mais com causas estritamente económicas — o aumento imparável do valor do iene. Se no comércio isto tem consequências altamente preocupantes, no turismo passa-se precisamente o contrário. Uma férias no estrangeiro podem sair mais baratas do que no Japão, se se tiver que ir para um hotel ou comer sempre em restaurantes.

Ainda no que diz respeito às férias, há discriminações gritantes. São fundamentalmente os homens que têm acesso a este período de descanso fora da família, por muito curto que seja. A mulher fica em casa. É possível que tenha sido esta circunstância que contribuiu para o sucesso das vendas das bonecas talantes que fazem companhia às solitárias. «Olha a vida de maneira mais simples», aconselha uma dessas bonecas à sua dona. Outra diz-lhe para não se preocupar e uma terceira macaqueia-a, registando num gravador nele incorporado tudo o que a dona diz e reproduzindo logo o que «escutou». Uma exposição de brinquedos-robot, recentemente realizada numa cidade satélite de Tóquio confirma que o Japão se «adiantou» efectivamente muito, em relação ao resto do mundo, também neste campo das bonecas talantes.



A malinha de mão em napa vermelha

Era uma vez, uma malinha de mão em napa vermelha, que vivia num velho armário onde também habitavam vários utensílios de viagem e agasalhos de Inverno, já tora de uso.

Como já se aperceberam, ela era vermelha, e ornamentada com fechos de metal dourado, com bolsinhos secretos, que só a sua dona conhecia. A Ritinha, ainda criança, servia-se dela para guardar as suas coisas mais pessoais. As primeiras cartas dos namorados, as carícias, os vestidos em miniatura das bonecas e os seus utensílios de toilette.

A malinha de napa vermelha, na solidão das noites, contava histórias engraçadas às suas companheiras de armário, relatando as traquinices e aventuras dela e da Rita.

Mas há já muitos anos que ela não via a luz do dia, nem mesmo a sua amiga Rita.

Ainda guardava num dos seus bolsinhos secretos, a chave dos espaços mais pessoais da menina, e ao contar isto às outras empertigava um dos seus fechos. Sorrindo com arrogância relatou o passeio que fez com a Ritinha à Serra da Estrela. Esquiavam as duas felizes, quando um ramo de árvore maroto, lhes pregou uma rasteira, fazendo-as estatelarem-se na neve. A malinha



quase que ficava perdida naquela imensidão branca e a Rita não estava a gostar nada da brincadeira. É que se o esqui não se tivesse preso na asa da mala, esta teria ficado eternamente esquecida na Serra.

— E daí não sei se não seria o melhor! Pois se agora me encontro aqui esquecida da minha grande amiga!

Mas logo animava e confessava: sabem, é que eu tenho a certeza que a Ritinha um dia vai voltar, e vai ainda precisar muito da minha presença.

(Eu não acredito muito nesta esperança da malinha, e vocês?)

Passaram-se Invernos, Primaveras, e ela a ficar com a sua bonita cor vermelha, desbotada. Não tardaria muito que o seu destino tosse o lixo, ou então viver eternamente no sótão escuro, sujo e esquecido.

Numa noite já distante a porta do sótão abriu-se entrando uma velhinha apoiada

numa bengala, remexeu o sótão, mas não encontrava o que procurava.

— Malinha, minha malinha, onde estás?

O silêncio era absoluto. E aquela velhinha ainda com traços infantis no rosto cansado, suspirava desoladamente sentada num velho banco de jardim, ali também esquecido.

— Malinha, onde estás, porque não me respondes?

Rita, Rita, estou aqui, levanta o candeeiro que me está a magoar.

Rita com um brilho de infância no olhar azul, sorria, correndo com a ajuda da bengala para o sitio de onde provinha a voz.

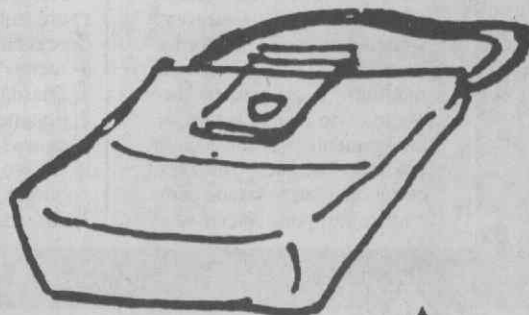
Retirou uma chave do bolso da saia, e abriu o esconderijo da mala, lá estavam os seus papéis, as cartas, o diário, os primeiros desenhos, tudo tão carinho-

samente guardado pela sua amiga de infância, a Malinha de napa vermelha.

Juntas desceram as escadas, ligeiras como quando do passeio à Serra da Estrela, pareciam esquivar, tal era a alegria de se encontrarem de novo juntas.

E desmentindo a minha primeira impressão sobre o regresso da Rita, não eram histórias o que a Malinha contava, sempre era verdade, a Rita um dia voltava, e voltou. E foi dos papéis que se encontravam na Malinha de mão, que eu escrevi esta história para vocês (que até nem é história! é verdade). Sim, porque quando muito acreditamos e desejamos, um dia veremos os nossos sonhos realizados.

Então até à próxima história, e até lá, sonhos com borboletas para todos.



Ossos podem crescer até 50 cm

Controlar o crescimento, transformando anões em pessoas de estatura normal ou reduzir a altura de jovens atingidos por gigantismo, alongar pernas amputadas dando-lhes inclusive a forma terminal de um pé, evitar a amputação de outras atingidas por complexas pseudoartroses, eis algumas das técnicas realizadas pelo famoso médico de Kurgan, Gavriil Ilizarov.

Este médico e autor de um método de fixação externa óssea que permite a consolidação de fracturas dispensando meios de fixação interna ou gesso e o alongamento ósseo, até 50 cm, em qualquer idade sem perigo de infecção ou necessidade de antibióticos.

Baseado nas próprias características de regeneração muito activa de tecido ósseo e utilizando uma tecnologia muito simples — alguns anéis e fios metálicos montados sob a forma de um cilindro oco adaptado a cada caso — trata-se de um tratamento essencialmente biológico e atraumático. Quando é necessário abrir uma incisão ela não vai além de 1 cm pois o osso é cortado na zona periférica (na técnica Ilizarov é proibido o atravessamento do osso como forma de evitar o corte dos vasos da medula). E, a partir daquele corte que se fazem os alongamentos, as correcções dos desvios, etc. Uma vez cortado o osso, e fixado com o aparelho, pode iniciar-se a

correção da anomalia. A colocação de um anel acima do ponto de dissecação do osso e outro abaixo obriga ao seu alongamento em 1-2 mm por dia.

A prática de exercícios desde o primeiro dia após- operação completa o tratamento. Segundo Ilizarov é fundamental que todos os músculos retomem rapidamente o seu funcionamento normal e se restabeleça a circulação sanguínea. Por outro lado, a experiência mostra que o alongamento de uma perna, por exemplo, provoca um crescimento geral. Ou seja, uma criança mais pequena que as restantes da sua idade, ao ser sujeita a um tipo de tratamento como este, pode ultrapassá-las ao fim de um ano.

O método Ilizarov que reduz até oito vezes o período de tratamento, tornando-o mais eficaz, permite ainda actuar com êxito sobre doenças congénitas como o arqueamento dos membros inferiores, que até agora só podia ser tratado por meio de intervenção cirúrgica, e a hipoplasia proximal do fémur que deixa o membro reduzido a um pequeno coto. Ao agir-se sobre as zonas de crescimento dos ossos pode regular-se ainda o crescimento do homem, ou seja retardar o crescimento dos gigantes e estimular o dos anões.

No futuro, as próteses curativas agora aplicáveis aos membros inferiores ou

superiores, poderão vir a ser utilizadas para o tratamento de certos defeitos e lesões da coluna vertebral, conforme o demonstram estudos recentes do Instituto Ilizarov.

RECONHECIMENTO TARDIO

Recebido no início com a maior relutância pelos meios científicos, devido principalmente aos prazos de tratamento considerados excessivamente curtos, o método Ilizarov só começou internamente a ser encarado e debatido com mais seriedade a partir dos anos 60, dado o eco internacional que teve a recuperação de Valeri Brumel, recordista mundial do salto em altura. Vitima de um acidente de viação que lhe deixou uma perna mais curta que outra cinco centímetros e o obrigou a treze operações sem resultados, Brumel conseguiu, depois de um mês de internamento na clínica de Ilizarov, andar direito, ao fim de quatro meses de tratamento levantar pesos de cem quilos e passado mais um mês saltar de novo, atingindo os 2,08 m.

«Sim, o método não foi aceite logo no início», reconheceu em entrevista ao jornal «Sovietskaia Kultura» o Dr. Ilizarov, lamentando os anos perdidos em discussões com os burocratas para lhes demonstrar, com provas nas mãos, a eficácia dos métodos. «Durante todos esses anos, milhares de pessoas poderiam ter sido

Ossos podem crescer até 50 cm

curadas. Percebi por experiência própria como a burocracia é inimiga da saúde e da sociedade», disse o médico de Kurgan.

Hoje, e depois de um longo e ditil percurso, Ilizarov é director de um dos mais importantes centros de investigação científica do país, o Instituto de Ortopedia e Traumatologia Experimental e Clínica de Kurgan.

«As minhas ideias nasceram pura e simplesmente da experiência que, como dizia Leonardo da Vinci, e o verdadeiro mestre», disse ao jornal o conhecido médico. «Foi em parte por isso que eu e os meus seguidores vencemos. Se conseguimos criar um método sólido, isso significa apenas que soube acrescentar algo ao pensamento de outros lutadores pela verdade. Desde há muito que em traumatologia se empregavam princípios de tratamento ultrapassados há séculos. Nós conseguimos observar os factos de outro prisma e a natureza do organismo vivo revelou-se muito mais rica do que se imaginava. O osso humano é uma matéria plástica, de enormes possibilidades. Hoje, podemos fazer operações sem derramamento de sangue onde, antes, o paciente sofria longas e complexas intervenções cirúrgicas. Verificamos que os métodos tradicionais são, na sua essência, contraditórios face às leis fisiológicas e biológicas».

No Instituto de Kurgan, foram apetrechados cerca de 600 novos métodos que preveem uma abordagem extremamente individualizada para cada doença e os meios utilizados exercem uma influência decisiva nos ramos neurocirúrgicos, angiológicos, oncológicos e cirúrgico-plástico.

No campo da ortopedia, o Instituto pode corrigir ou restituir aos doentes dedos, plantas dos pés ou mesmo dirigir o seu crescimento. Um jovem de 20 anos que tinha ultrapassado os 2 m e 20 cm e que continuava a crescer pode ficar com 1,90 m, sem qualquer intervenção cirúrgica.

Alem de soldados, os ossos podem também crescer ao mesmo tempo que os tecidos e os músculos, até 50 cm ou mesmo mais. É internacionalmente conhecido o caso dos anões italianos sujeitos a alongamentos e que passados sete anos não só cresceram como se modificou o seu próprio «tacies».

Dada a enorme popularidade do Centro de Kurgan, as listas de espera são da ordem da dezena de anos, as entidades soviéticas decidiram modernizar as instalações e construir um novo complexo clínico e experimental que inclui uma zona só para estrangeiros. Alem do novo edifício situado na cidade siberiana de Kurgan serão construídos igualmente em Moscovo e noutras cidades da URSS, dez com-

plexos de reabilitação tilizados no Centro Científico de Kurgan.

A ampliação do centro não lhe retirara, no entanto, segundo o próprio Ilizarov, as características que lhe são próprias. O apoio psicológico nestes casos é fundamental para o que contribui um ambiente propício.

«Ser médico é uma profissão particularmente complicada. Dele é exigido mais do que qualquer outro profissional», diz Ilizarov, sempre preocupado com o estado de espirito dos seus doentes.

Na sua clínica não se veem pessoas de pijama ou roupão. Qualquer tipo de vestuário inspirador de melancolia é proibido no hospital, por ordem do seu director. As pessoas andam como em casa.

... Gavriil Ilizarov trabalha até à meia-noite e mais. No dia seguinte regressa, por vezes, às 4-5 da manhã. Mais de 400 operações por ano são feitas pelo próprio Ilizarov.

Na sua clínica veem-se muitas crianças a quem é restituída a saúde, a autoconfiança e a ideia de que são «como toda a gente». Ilizarov fala-lhes como a adultos mas ensina-lhes também truques que aprendeu ao longo dos anos, mostrando-se um verdadeiro mágico.

De humor jovial, Ilizarov transmite boa disposição, prazer, esperança e alegria aos seus colaboradores e doentes, tanto adultos como crianças.

A semana da TV

17.30 — Brinca Brincando — «Piat», «Hey Bumboo», «Tim Tim» e «Folhas Solitas».

18.25 — Tempos Modernos

19.30 — Telejornal

20.00 — Bolsa Dia-a-Dia

20.07 — O Tempo

20.12 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura

20.20 — Passerelle

21.05 — Queenie

22.10 — 17.º Festival OTI da Canção

23.15 — 24 Horas

23.50 — Remate

RTP-2

15.00 — Abertura e Filhos e Filhas

15.25 — Joana

16.30 — Quem Sai aos Seus ...

16.55 — Helena

17.30 — Trinta Minutos Com ...

18.00 — A Malta de Bronx

19.00 — Music Box — European Top 40.

19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo».

21.00 — Jornal das Nove

21.30 — Maude

21.55 — Hora da Verdade

22.55 — Hitchcock Apresenta ...

Sexta-feira, 25

RTP-1

09.00 — Abertura e Bom Dia

10.00 — As Dez

12.20 — Selva de Pedra

13.00 — Jornal da Tarde

13.30 — A Herança dos Guldenburgs

14.15 — Imagem por Imagens

15.05 — A Night at the Filmore

16.00 — A Última Fronteira

16.30 — Ponto Por Ponto

17.30 — Brinca Brincando — «Piat», «Hey Bumboo», «Tim Tim» e «Mani, o Jovem Futebolista».

18.25 — Tempos Modernos

19.30 — Telejornal

20.00 — Bolsa Dia-a-Dia

20.07 — O Tempo

20.10 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura

20.20 — Passerelle

21.05 — Telemundo

21.35 — Uma Bomba Chamada Etelvina — Teatro

23.20 — 24 Horas

23.55 — Remate

00.10 — Pela Noite Dentro — «O Guarda».

RTP-2

15.00 — Abertura e Filhos e Filhas

15.25 — Agora, Escolha! — Bloco A: Destino Aventura; Bloco B: O Homem na Dança.

16.55 — Helena

17.30 — Giramundo

18.00 — Equinócio

19.00 — Music Box — Rocking in the UK.

19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo».

21.00 — Jornal das Nove

21.30 — Maude

21.55 — Atracatissimo

22.55 — Berlim, Praça Alexandre

23.50 — Rotações — Desporto.

Sábado, 26

RTP-1

09.00 — Abertura e Juventude e Família — «Aldeia das Brincadeiras», «A Família Robinson», «Desporto e Ciência», «Roque e Role», «O Grande Pagode» e «Bonanza».

12.00 — Ballerina

13.00 — Notícias

13.10 — Os Espectaculares Recordes Guinness

13.35 — Parlamento

14.05 — Sessão da Tarde — «Grandes Esperanças».

15.50 — Vivamúsica

16.40 — Miss Marple Investiga

17.35 — O Romance da Raposa

17.50 — O Nosso Século

19.15 — Noite de Gala — Entrega de Premios do Filme Europeu (Berlim). *

21.45 — Jornal de Sábado

22.45 — O Tempo

23.05 — Sete Folhas

22.35 — O Medo

00.40 — Cinema da Meia-Noite — «Vestida para Matar».

* NOTA: O Totoloto sera transmitido as 19.45.

RTP-2

09.00 — Abertura e Compacto Music Box

12.15 — A Nossa Turma

13.25 — Compacto Selva de Pedra

16.00 — Estádio — Inclui Rugby: Barbarians/Australia.

19.30 — Magazine Cinema

20.00 — Music Box — Power Hour.

20.50 — Elogio da Leitura

21.15 — Hill Street

22.05 — Concorde ou Talvez Não — Tema: Cultura/Instrução.

Domingo, 27

RTP-1

09.00 — Abertura e Juventude e Família — «A Arca de Noé» e «Nils Holgersson».

09.55 — Missa — Transmissão Directa de Evora.

11.00 — Juventude e Família — «Die Stadpiraten».

12.05 — 70x7

12.30 — TV Rural

13.00 — Notícias

13.10 — Quanta Agua Correu Debaixo da Ponte...

14.05 — Estude-o

15.10 — Primeira Matinée — «Nasceu Uma Estrela».

17.05 — Clube Amigos Disney

19.05 — O Justiceiro

20.00 — Jornal de Domingo

20.30 — O Tempo

20.40 — Ah, Uma Coisa do Outro Mundo.

21.15 — Regresso a Casa

22.20 — Domingo Desportivo

RTP-2

09.00 — Abertura e Music Box — «Chart Attack».

10.00 — Troféu

13.00 — Caminhos

13.30 — Novos Horizontes

13.50 — Veterinário de Provincia

15.00 — Troféu

17.00 — Ideias e Negócios

17.50 — A Bela e o Monstro

18.40 — Século XX — «Situação da Arte».

19.35 — Primeiro Andamento — Mozart por Maria Joao Pires.

20.05 — Quem sai aos Seus ...

20.30 — Artes e Letras — «Quem Foste, Alvarez?».

21.30 — Cineclubes — «Paris-Texas».

24.00 — Música n'America

A semana da TV

Segunda-feira, 21

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — As Dez
- 12.20 — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — O Império de Carson
- 14.15 — Um Amigo Especial
- 15.05 — A Soul Session
- 16.00 — A Última Fronteira
- 16.30 — Ponto Por Ponto
- 17.30 — Brinca Brincando — «Piat», «Hey Bumboo», «Tim Tim» e «Tao Tao»
- 18.25 — Tempos Modernos
- 19.30 — Telejornal
- 20.00 — Bolsa Dia-a-Dia
- 20.07 — O Tempo
- 20.10 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
- 20.20 — Passerelle
- 21.05 — Norte e Sul
- 22.50 — A Escrita da Casa — «A Casa do Alito»
- 23.25 — 24 Horas
- 23.55 — Remate

RTP-2

- 15.00 — Abertura e Filhos e Filhas
- 15.25 — Agora, Escolha! — Bloco A: Orquestra/Benson; Bloco B: História das Invenções
- 16.55 — Helena
- 17.30 — Trinta Minutos Com...
- 18.00 — Histórias Maravilhosas
- 19.00 — Music Box Especial
- 19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo»
- 21.00 — Jornal das Nove
- 21.30 — O Setimo Direito
- 21.55 — Conta Corrente — Magazine de Economia
- 22.25 — Teatro Estrangeiro — «O Discipulo do Diabo»

Terça-feira, 22

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — As Dez
- 12.20 — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — Dallas
- 14.15 — Os Supergatos
- 15.05 — Joe Cocker Live
- 16.00 — A Última Fronteira
- 16.30 — Ponto Por Ponto
- 17.30 — Brinca Brincando — «Piat», «Hey Bumboo», «Tim Tim», «As Aventuras do Pardo Nico» e «Livros Jovens»
- 18.20 — Tempos Modernos
- 19.25 — Boletim Meteorológico para Agricultura
- 19.30 — Telejornal
- 20.00 — Bolsa Dia-a-Dia
- 20.07 — O Tempo
- 20.12 — Boletim Agrário do Ministério Agricultura
- 20.20 — Passerelle
- 21.05 — Modelo e Detective
- 22.05 — Primeira Pagina
- 23.10 — Tribunal de Policia
- 23.40 — 24 Horas
- 00.10 — Remate

RTP-2

- 15.00 — Abertura e Filhos e Filhas
- 15.25 — Elogio da Leitura
- 16.10 — Primeiro Andamento
- 16.30 — Lá em Casa Tudo Bem
- 16.55 — Helena
- 17.30 — Trinta Minutos Com...
- 18.00 — Music Box — Via Rapida
- 19.00 — Music Box — Ott The Wall
- 19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo»
- 21.00 — Jornal das Nove
- 21.30 — Maude
- 21.55 — Cinemadois — «Zazie no Metro»

Quarta-feira, 23

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — As Dez
- 12.20 — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — Fama
- 14.15 — Viagem do Mimi
- 15.05 — Billy Joel Live From Leninegrado
- 16.00 — A Última Fronteira
- 16.30 — Ponto Por Ponto
- 17.30 — Brinca Brincando — «Piat», «Hey Bumboo», «Tim Tim» e «Vento nos Salgueiros»
- 18.25 — Tempos Modernos
- 19.30 — Telejornal
- 20.00 — Bolsa Dia-a-Dia
- 20.07 — O Tempo
- 20.12 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
- 20.15 — Vamos Jogar no Totobola
- 20.30 — Passerelle
- 21.15 — Lotação Esgotada — Curta-Metragem de Desenhos Animados e «Jogos de Guerra»
- 23.25 — 24 Horas
- 23.55 — Remate

RTP-2

- 15.00 — Abertura e Filhos e Filhas
- 15.25 — Agora Escolha! — Bloco A: Perry Mason; Bloco B: Amazonia de Cousteau
- 16.55 — Helena
- 17.30 — Trinta Minutos Com...
- 18.00 — A Rota da Serla
- 19.00 — Music Box — «Hit Machine»
- 19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo»
- 21.00 — Jornal das Nove
- 21.30 — Maude
- 21.55 — Primo Basilio
- 22.40 — Magazine — «Musica»

Quinta-feira, 24

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — As Dez
- 12.20 — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — Ilha da Fantasia
- 14.15 — O Regresso do Antilope
- 15.05 — Temptation in Concert
- 16.00 — A Última Fronteira
- 16.30 — Ponto Por Ponto

Extremo Oriente: paraíso dos falsificadores

O Extremo Oriente, além do seu exotismo de paisagem e costumes, tem outra singularidade: é um verdadeiro paraíso para todo o tipo de falsificadores. Na Formosa, por exemplo, existem fábricas, clandestinas mas não reprimidas, que produzem quase tudo quanto é marca de prestígio no Ocidente e no Oriente, incluindo relógios «suíços». E quem diz relógios, diz máquinas fotográficas, canetas, calculadoras electrónicas, aparelhagens radio, TV ou video.

Quem percorre na capital formosina, Taipé, as zonas comerciais mais movimentadas, tem à sua disposição todos esses artigos ostentando etiquetas de autenticidade, garantias e preços baixos. É possível comprar um dos mais sofisticados relógios «suíços» por 10 ou 15 dólares. E, mais centimo menos centimo, o mesmo é possível em Jacarta, Manila ou Bangkok.

A falsificação mais sofisticada — e também a mais rendosa — é, contudo, a de dólares e outras cédulas bancárias. Não se sabe quantos milhões de dólares falsos circulam na Ásia e a partir da Ásia, mas a Interpol considera que serão muitos milhares de milhões e que a actividade dos falsários tem crescido a um ritmo enorme. Hong-Kong, Tailândia, Malásia e Filipinas são os principais pontos asiáticos de fabrico de dinheiro falso. Os dólares norte-americanos e australianos, as rupias indonésias, os pesos filipinos e divisas fortes de outros

países são fabricados em tipografias clandestinas e postas em circulação em quantidades sempre crescentes, tendo-se tornado num dos negócios mais rendosos que por vezes aparece associado aos gangs da droga.

Segundo a agência noticiosa AFP, a polícia indonésia procura de momento um tulano que pagou com notas falsas brilhantes no valor de 100 milhões de rupias (cerca de 60 mil dólares). O pagamento foi feito em notas de cem dólares. Por sua vez, as autoridades filipinas descobriram no último Verão uma grande tipografia clandestina que estava a fabricar notas falsas de 50 pesos. O seu proprietário foi preso apesar de ser filho de um general na reserva.

Nos casinos e clubes nocturnos de Singapura e da capital do Sri Lanka, Colombo, corre muito dinheiro falso, sendo também frequente a tentativa de impingir dinheiro desse a agricultores, comerciantes e taxistas.

As falsificações, segundo as autoridades, variam consideravelmente em perfeição, de acordo com a qualidade técnica de impressão e a mestria dos falsários. Há notas falsas que só exames periciais as detectam. E também aparece o contrário: alguns jovens indonésios conseguiram fazer passar fotocópias de rupias nacionais coloridas à lápis. Na Tailândia, entretanto, foram recentemente apanhados falsários de dólares que utilizavam um método de impressão idêntico ao que e

oficialmente emprega nos EUA.

O lendário «mister Wong» é, no entanto, considerado o maior falsário de toda a Ásia. Supõe-se que vive em Hong Kong e imprime as mais perfeitas notas de cem dólares norte-americanos até hoje detectadas. Os peritos do Banco Central das Filipinas talam dele com terror e ao mesmo tempo com veneração. «Mister Wong» chega, aliás, ao ponto de deixar sinais autorais distintivos nas suas notas, tal como um pintor que assina o seu quadro.

Desmascarar e apanhar os falsificadores de dinheiro está longe de ser um trabalho simples. Tem enorme custo financeiro e só pode ser levado a cabo através dos esforços conjugados dos países asiáticos, considera Nestor Nadal, inspector-chefe do Banco Central das Filipinas.

Os Governos de uma série de países da região, alarmados com a grande afluência de dinheiro falso, estão a empreender, em boração com organizações internacionais, acções conjuntas com o objectivo de reprimirem este negócio criminoso. Por outro lado, estas medidas nem sempre têm sucesso e, assim, a produção de notas falsas continua a ser um problema que requer uma solução urgente.

A epidemia generalizada de notas falsas, que alastra pelo sul e o sueste da Ásia, não passou ao lado do Sri Lanka. É certo que, aí, a expressão «fazer dinheiro» não é entendida de forma tão

literal como acontece, por exemplo, nas vizinhas Indonésia e Tailândia, onde o dinheiro se faz no sentido literal da palavra, em tipografias clandestinas. No Sri Lanka houve um sector específico da indústria de falsificações que teve um desenvolvimento maior — o da fabricação de documentos falsos de todos os tipos.

Entre eles contam-se as certidões de nascimento e de falecimento, os atestados médicos, as contas bancárias, os bilhetes de identidade, as cartas de condução e até os passaportes com autorização permanente de residência em qualquer um dos países ocidentais. O custo de tais documentos, que podem ser adquiridos em poucas horas em plena rua, depende do seu grau de importância e varia entre as 200, no caso de se tratar de um atestado vulgar, e as 50 mil rupias, quando há necessidade de se partir para o estrangeiro... «As falsificações sri-lankianas corres-

pondem ao nível dos padrões mundiais» — foi com este título muito eloquente que o «Sun», um dos principais jornais do país, publicou os resultados de uma investigação das actividades dos mestres da falsificação locais, efectuada pela polícia de Colombo.

«Temos ainda de trabalhar muito, até que a vasta rede de negócios criminosos que abarca todo o país seja descoberta e liquidada», afirma Ridji Silva, director do Bureau de Investigação de Colombo.